



PRÓ-SABER



**DE SONHO E
RESISTÊNCIA**

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

ISNARDES DA CONCEIÇÃO GONÇALVES CELEBRIM

**A IMPORTÂNCIA DE RECONHECER O BRINCAR COMO EIXO FUNDAMENTAL
DAS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rio de Janeiro

2017

ISNARDES DA CONCEIÇÃO GONÇALVES CELEBRIM

**A IMPORTÂNCIA DE RECONHECER O BRINCAR COMO EIXO FUNDAMENTAL
DAS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador:: Profa. Dra. Cristina Laclette
Porto

Rio de Janeiro
2017

C3305i	<p>Celebrim, Isnardes da Conceição Gonçalves</p> <p>A importância de reconhecer o brincar como eixo fundamental das práticas na educação infantil / Isnardes da Conceição Gonçalves Celebrim.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 33 fl.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Dra. Cristina Laclette Porto</p> <p>1. Educação infantil. 2. Brincar. 3. Interação. 4. Aprendizagem. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, digite a data.

ISNARDES DA CONCEIÇÃO GONÇALVES CELEBRIM

Dedico este trabalho à memória de meus pais, José Celebrim e Ivaldina Celebrim, pelo carinho e amor que me deram para que me tornasse a pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela minha vida e por estar presente em todos momentos na minha caminhada. Por ter me dado a oportunidade de conhecer o Pró-Saber, que apesar de provocado tantas lutas, me fortaleceu e consentiu forças para que eu concluísse a minha formação.

Agradeço ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), por oferecer um curso de tamanha qualidade a todos que buscam por uma formação.

Agradeço a todos meus familiares, que me incentivaram com palavras de ânimo, que estiveram presentes mesmo ausentes.

Agradeço meu companheiro e amigo, Almir Chagas, pelo apoio e carinho a minha pessoa, durante todo árduo processo em busca de minha formação acadêmica. Carinhos estes que foram essenciais em todos os momentos.

Agradeço minha professora e orientadora Cristina Laclette Porto, que me ajudou e acompanhou com muita paciência e dedicação, acolhendo minhas dúvidas, me auxiliando a superar os obstáculos, dando incentivo para que eu não desistisse.

Agradeço aos colegas, amigos e a todos professores que me ajudaram, compartilhando com aprendizagens que juntos somamos nesses momentos de muitas riquezas.

“A brincadeira é uma mutação do sentido,
da realidade; as coisas aí tornam-se
outras.”

Gilles Brougère

RESUMO

Apresento a pesquisa de campo, desenvolvida na instituição educacional, modalidade creche onde trabalho. Abordo a relevância da interação das crianças com a brincadeira para seu aprendizado e desenvolvimento. Destaco também a importância da valorização do brincar nas práticas cotidianas. Na introdução, relato meus anseios desde a infância pela profissão de professora. Na primeira parte, dialogo com alguns teóricos, posteriormente, descrevo estrutura, rotina e organização do espaço e finalizo com o relato e análise de brincadeiras observadas e registradas durante a pesquisa.

Palavras-Chave: Interação. Brincadeira. Aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 O PROFESSOR-PESQUISADOR E O BRINCAR	12
1.1 Pesquisa da própria prática	14
1.2 Instrumentos metodológicos	15
2 CONTEXTO DA PESQUISA	17
2.1 Rotina	18
2.2 Organização do espaço	21
3 OBSERVAÇÃO E REGISTRO DE BRINCADEIRAS E ATIVIDADES LÚDICAS TEMÁTICAS	24
3.1 Brincando de cozinhar: Canjica e vitamina de banana	24
3.2 Mãe e filha	25
3.3 Piquenique literário com a presença das famílias	26
3.4 Atividade de plantar	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Desde muito cedo, eu tinha o interesse de ser professora. Para me satisfazer, recriava meu desejo nas brincadeiras de faz de conta. Convidava meus irmãos e meus “amiguinhos” para serem meus alunos e reproduzia as ações do que eu observava nos meus educadores.

Todos os professores me marcaram muito. Recordo do meu primeiro dia de aula, fui muito feliz, acompanhada pelo meu pai, eu e minha irmã mais velha. Recordo de minha primeira professora. Sempre que uma oportunidade se apresentava, no momento do recreio, eu ia brincar de ser professora.

Naquela época, por volta dos anos 1970, o educando visto como um bom aluno era aquele que se comportava ficando quieto, só ouvindo o que o professor falava. A criança não tinha voz ativa. Portanto, eu era vista como uma criança exemplar.

Na minha casa, para atrair os “coleguinhas” e os meus irmãos, guardava minhas balas, criava brinquedos com pipas, pulseiras de “sementes de frade”, que eram confeccionadas por mim para cativar as crianças. Com essa atitude, obtinha sucesso, pois minha “escolinha” era realizada. Confeccionava o caderno para as crianças com pedaços de papel de pão; colocava e fazia meu suposto caderno para cada criança. Usava meus cotocos de lápis e me sentia realizada de poder praticar aquela ação que vinha incorporada em minhas brincadeiras.

A professora Sônia Machado, com que ainda tenho contato, me marcou muito. Através dela me inspirei na forma de grafar, tentando imitá-la, reinventando minha escrita. “Dona Sônia”, como eu a chamava, foi uma das professoras que mais me incentivou a estudar.

Na medida em que os anos foram se passando, mais o meu interesse em ser professora era despertado. Para dar continuidade aos meus estudos, meus pais me matricularam em uma escola maior. Depois de certo tempo, ao realizar meu segundo grau, fazendo formação de professor, fui trabalhar como professora do ensino fundamental na mesma escola em que iniciei meus estudos. Trabalhei durante dois anos e adquiri experiências através das minhas vivências.

Mais tarde, com apoio dos meus pais e incentivo da minha professora Sônia, fui para a cidade do Rio de Janeiro. Chegando, comecei a trabalhar em uma creche particular. Logo depois, fiz um concurso para Educação Infantil, na função de

Auxiliar de Creche, passei e fui convocada. A partir daí, comecei a observar e a comparar a ação pedagógica das duas escolas, uma particular e a outra pública. Ao comparar os dois contextos, pude perceber uma grande diferença no ato de educar.

Na creche particular em que eu trabalhava, havia uma preocupação maior com as atividades a serem realizadas em “folhinhas”. Enquanto que, na pública, onde ingressei depois, havia uma ação mais voltada para o lúdico, um olhar mais apurado para as dimensões corpóreas e, com isso, fui aprendendo a valorizar e acreditar nessa perspectiva. Vi também a necessidade de me aperfeiçoar como educadora, pois contava com as experiências vividas, mas queria me aprofundar e saber fundamentar essas descobertas.

Ingressei no Curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), com habilitação em Educação Infantil para que eu pudesse realizar um trabalho mais coerente com aquela faixa etária. Com a faculdade, fui me constituindo e adquirindo cada vez mais conhecimentos, contribuindo para a mudança na forma de trabalhar a minha prática pedagógica. Hoje vejo que minha ação se transformou muito. Mudei não só como pessoa, mas como profissional.

Ao longo do meu processo de formação no Curso Normal Superior de Educação no Pró-Saber, pude sentir e perceber, através das nossas aulas, o quanto a brincadeira é importante para o desenvolvimento dos pequenos e como eles aprendem sobre o mundo brincando.

Ao aprofundar meus conhecimentos, pude compreender que, através do brincar, as crianças traziam suas experiências vividas, colocando em prática o que incorporavam ao entrar em contato com os brinquedos. Assim, através dessa interação, as crianças iam adquirindo aprendizagens e fazendo o que Corsaro (2002) chama de reprodução interpretativa.

Fiquei curiosa em saber como o educador poderia contribuir para que a aprendizagem se desenvolvesse por meio da ludicidade, usando recursos coerentes para auxiliar na formação do sujeito. Passei a perceber de forma mais fundamentada, no Pró-Saber, maneiras mais coerentes de se trabalhar, conforme a faixa etária de cada criança e ter um olhar sensível para cada indivíduo, pois cada criança é única.

Ao intensificar a observação das crianças na pesquisa, ficou claro que a apuração desse olhar é uma ferramenta fundamental para que o professor venha a compreender como esse aprendizado acontece no dia a dia, assim como para

conhecer melhor as formas próprias das crianças pensarem, se comunicarem e agirem sobre o mundo.

Nessa perspectiva, algumas questões envolvidas no brincar podem ser sistematizadas para que sua complexidade seja desvelada: de que forma as crianças brincam; como interagem com os brinquedos e colegas; que brincadeiras mais apreciam e que se repetem com mais frequência; como a organização do espaço e dos brinquedos interferem no desenrolar das brincadeiras?

O objetivo desse trabalho monográfico é compreender como o professor pode oportunizar brincadeiras para que as crianças desfrutem da ludicidade para descobrir o mundo a partir de suas curiosidades e para esclarecer a importância do brincar no seu processo de desenvolvimento físico, motor e social.

O capítulo 1 trata de algumas teorias sobre o brincar como processo de cultura. No segundo, apresento o contexto da creche onde trabalho e onde desenvolvi a pesquisa para esta monografia e, no terceiro, destaco situações observadas para compreender na prática o que dizem os autores.

1 O PROFESSOR-PESQUISADOR E O BRINCAR

A brincadeira e a interação são os principais norteadores da Educação Infantil, pois é através das brincadeiras que a criança aprende a se socializar e a construir com o outro. Ainda são extremamente necessárias a valorização e a difusão disso, dentro das unidades escolares, ressaltando-se que não se trata apenas de uma ocupação do tempo vago, mas sim, de uma produção e de uma construção de conhecimento e aprendizagens. Portanto, esse tema tem grande importância para as crianças e seu desenvolvimento, assim como para os profissionais envolvidos.

No entanto, cabe ao educador refletir sobre essa ação, fazendo um trabalho coerente para que a criança venha se desenvolver por completo. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, v. 2, p. 11), a instituição infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam as relações na sociedade em que estão inseridas. O ingresso nesse ambiente institucional alarga o universo social da criança devido às infinitas interações com outros. Sendo assim, o educador deve levar em consideração as práticas voltadas para a criança, de acordo com o repertório que o ambiente proporciona para que elas venham a ter prazer na sua sociabilidade. (BRASIL, v. 2, 1998, p. 13).

Borba (2009) traz a brincadeira como experiência de cultura. A autora parte das peraltagens lembradas pelo poeta Manoel de Barros em seu livro *Memórias Inventadas*, onde fala de sua infância e de como experienciava múltiplos objetos, brincando com a natureza, transformando os objetos, fazendo uma coisa virar outra coisa, para afirmar que "o brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade" (BORBA, 2009, p. 70).

Para a autora, que se baseia nos estudos de Brougère e Vygotsky, as crianças vão se constituindo como agentes de sua experiência social, se organizando nas brincadeiras, elaborando planos em conjunto e estabelecendo regras.

Para Brougère (1995), "as crianças brincam com que se tem nas mãos e com o que tem na cabeça". Os brinquedos orientam a brincadeira, trazem-lhe a matéria, no entanto, o contato com o objeto leva a criança a produzir uma ação e ao entrar

em contato com o objeto a criança dá um novo sentido, ressignificando esses materiais utilizando a criatividade e a imaginação através do lúdico.

Já Corsaro (2009) estudou o ato de brincar, abordando a criança como sujeito produtor de cultura e destacou as brincadeiras sócio-dramáticas, onde se dá a reprodução interpretativa. Ao entrar no mundo do faz-de-conta, a criança cria, transforma, produzindo novos significados, amplia seu conhecimento de forma simbólica sobre o mundo do adulto. Nessa perspectiva, ao observar o outro, a criança não apenas imita, trazendo aquele contexto para suas brincadeiras, ela interpreta, se organiza e compartilha, fazendo uma negociação com aquela realidade. Ele definiu como cultura de pares, “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (p. 32).

Porto (2008) destaca que as brincadeiras representam para muitos autores uma possibilidade das crianças aprenderem a se conhecer e a atuar no mundo que as rodeia.

A partir de suas interações com os adultos, as crianças se apropriam com criatividade das informações do mundo adulto, a fim de produzir sua própria cultura de pares. Ou seja, ao brincar, as crianças estabelecem a organização das brincadeiras, organizam com autonomia suas ações e definem personagens. Criam cenários, planos e formas de atuarem em conjunto com outras crianças e dizem como os adultos podem participar de suas brincadeiras. Nesse ambiente, as crianças aprendem todos os tipos de relações que necessitarão desenvolver ao longo de sua infância, como a definição dos grupos de amizade e inimizades, por exemplo.

É com os adultos e entre si, que as crianças aprendem. Aos poucos, elas vão assumindo o papel do adulto nas decisões, na condução das brincadeiras, na definição de regras e nas repetições. Nunes (2009) indica que:

O ato de brincar e as brincadeiras representam para muitos autores a possibilidade de as crianças se desenvolverem e por meio deles a criança aprende a se conhecer e a atuar no mundo que a rodeia. Assim, as instituições voltadas para as crianças devem levar em conta a maneira como a criança brinca, suas preferências, pois estas indicam uma produção de sentidos e ações. Neste contexto, é fundamental reconhecer as diferenças e as especificidades das crianças, a importância da disposição do lugar e do material, bem como a atitude dos profissionais que lidam com esse acervo. (NUNES, 2009, p. 44-45)

Para garantir o acesso das crianças aos brinquedos se faz necessário repensar a organização desses espaços para que possam dar ao mesmo tempo autonomia e segurança para o pleno desenvolvimento da criança.

Não é de hoje que o papel dos professores no processo de desenvolvimento como um todo das crianças é de fundamental importância, visto que, ele pode ou não conduzir de maneira produtiva as atividades que auxiliarão o espaço escolar a se tornar um ambiente propício à criatividade, ao aprendizado, às trocas de experiências necessárias para a construção das formas de se relacionar com o mundo e com as outras pessoas.

1.1 Pesquisa da própria prática

O projeto de monografia foi apenas o início do caminho que perpassarei para cavar o suporte da escrita de minha monografia, buscando encontrar fontes de estudo que fundamentassem a prática e intensificando as observações, associando essa prática observada com o que dizem os autores.

Prado (2008) traz temas interessantes que são levantados pelo escritor Graciliano Ramos, quando relata, em seus contos, as experiências do personagem Alexandre. E, o mais importante, a meu ver, é inspirarmo-nos no que significa seu olho torto.

Na pesquisa é necessário nos debruçarmos nas leituras, observações e reflexões, para sermos não só contadores de histórias, mas sim, fazedores de histórias. Isto é, vivenciar essa história. Não ter o olho certo é deixar fazer um olhar se contrapor ao outro atravessado, para observar todos os ângulos, capturando de dentro para fora.

Portanto, tive que fazer como Alexandre e enfiar o dedo no olho para arrancar questões que vem aparecendo na prática para lapidar e discernir o que o autor fala, fazendo relações com minhas observações sobre o tema escolhido.

A percepção do olhar observador ajuda o educador a resgatar, através das ações e expressões, o que o educando quer transmitir para poder associar ao que os autores falam.

Nesse processo, não fui apenas uma “caçadora de éguas”, mas também de onças. Busquei ferramentas para combater e dominar a tarefa, não só de procurar, mas de encontrar.

No entanto, tive que me manter firme no que queria defender, lendo muito para me encontrar apta a dialogar com os autores e associar as experiências, as observações e as reflexões.

Sofri um bocado, mas o que me alimenta é o desejo de saber que minha caça foi capturada no processo do equilíbrio da égua e o enfrentamento da onça. Todo esse esforço acionou o desejo de acreditar, ver, e crer que essa jornada passa e uma nova história chega: a minha autoria é a minha monografia.

1.2 Instrumentos metodológicos

Os instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire (2014) para a formação do professor-pesquisador foram usados no meu campo de pesquisa, assim como aprendi a utilizá-los em minha experiência como aluna do Pró-Saber, fazendo registros, sínteses e anotações.

Para atuar como professora-pesquisadora, precisei observar e refletir sobre minha ação educativa como modo de subjetivação e formação para ligar a teoria aprendida a minha prática. Isto é, precisei refletir sobre minhas vivências e experiências.

Busquei uma leitura coerente ao meu tema, para abordar com precisão o que me propunha analisar. Na biblioteca tivemos a oportunidade de ter acesso ao vasto acervo de periódicos no Instituto Pró-Saber. Com a proposta de buscar artigos, manuseamos inúmeras revistas e livros, em busca de referências para darmos início a nossa pesquisa de campo. A busca também foi feita na web, onde procuramos teses ou dissertações que fizessem relações com o tema escolhido.

Utilizei meus registros de observação em relação aos movimentos e às interações das crianças. Durante minha percepção de suas ações também usei registros no ato.

A percepção e a observação junto à reflexão alimentaram a escrita de minha monografia. Percebo-me agora, não só como uma professora observadora, mas sim como uma pesquisadora investigadora, pois utilizei minha própria realidade escolar para mergulhar nessa escrita e na disciplina intelectual que se fazia necessário,

procurando dispor de: tempo, concentração, análise, troca, criatividade e avaliação. Esse exercício me ajudou a aprofundar a compreensão sobre o que percebi e aprendi com os teóricos e a fundamentar minha prática. Portanto, procurei estudar, observar, avaliar, planejar e refletir sobre essa ação para dar continuidade ao meu processo de escrita.

2 CONTEXTO DA PESQUISA

A instituição de educação infantil é um espaço social, onde o indivíduo dá continuidade ao seu processo de socialização, iniciado no núcleo familiar. Portanto, como profissionais que atuam nesta etapa do desenvolvimento humano, temos como responsabilidade proporcionar uma educação de conscientização e respeito ao próximo, em que a criança possa compreender o processo da vida, sua identidade, relação com o meio e o ambiente natural.

O trabalho desenvolvido em nossa instituição é baseado nas rotinas do dia-a-dia que são planejadas pela direção e educadores que juntos lidam com espaço todo o tempo, integrando o cuidar e o educar com o objetivo de proporcionar um ambiente rico e estimulante para o desenvolvimento da autonomia e aprendizagem das crianças.

A instituição que eu trabalho está localizada na Avenida Presidente João Goulart, 270 na comunidade do Vidigal, entre o Leblon e São Conrado. Nossa creche surgiu há 17 anos com a concepção de educação que forma para a vida, agregando o cuidar com o educar para o desenvolvimento das crianças. Atualmente a creche comporta um corpo docente de 31 funcionários, distribuídos em determinadas categorias, sendo um diretor geral, um diretor-adjunto, 17 agentes de educação infantil, 6 professores, duas cozinheiras, duas lactaristas e duas auxiliares de serviços gerais. Nossa Creche funciona das 7:30hs às 16:30hs. Atendemos 146 crianças, dentro desse número, temos quatro crianças especiais.

A organização do espaço é a materialização de uma determinada concepção de infância. A forma de arrumação das salas, materiais disponíveis altura da criança, murais e brinquedos. Sendo assim, nossa creche optou por organizar os espaços de acordo com as faixas etárias das crianças que aqui atuam, buscando garantir autonomia de nossas crianças. Toda essa nossa prática é pensada e realizada com a intenção de prever o bem-estar da criança no exercício de um bom trabalho garantindo a ela um desenvolvimento sadio e segurança nas suas interações.

A creche Vidigal está dividida em cinco pavimentos: Térreo, primeiro e segundo andar e dois subsolos. No térreo, encontramos o refeitório, cozinha, despensa, um banheiro de adultos, lavanderia e duas pequenas salas que atendem a direção com um pequeno almoxarifado e a sala de professores. No primeiro andar temos quatro salas, onde acomodamos os maternais I e II com dois banheiros

infantis com chuveiros e sanitários. No segundo andar temos duas salas que acomodam os berçários. Uma das salas dispõe de banheiro infantil e fraldário, outra apenas o fraldário fora do banheiro. Há um solário, lactário e um banheiro para adultos. O subsolo I (coberto), é composto por brinquedoteca: casinha de bonecas, um baú de leituras, parquinho playground, com cavalinhos, sala de artes, além de um espaço aconchegante com tapete e almofadas. No subsolo II, encontramos o pátio descoberto, onde as crianças exploram mais a dimensão corpórea, além de viabilizar um contato mais direto com a natureza.

Nossa prática é formada de forma intencionalmente buscando realizar as atividades através da ludicidade, a fim de, realizar um trabalho coerente a cada faixa etária. Os agrupamentos são subdivididos em grupos: Berçário, Maternal I e Maternal II. O grupo do berçário atende 50 crianças divididos em duas turmas entre as idades de 6 meses a 1 ano e 11 meses. No MI, temos duas turmas, EI 21 e EI 22 composta por 46 crianças com idades de 2 anos a 2 anos e 11 meses. No MII, EI 31 e EI 32, estão as crianças de 3 anos a 3 anos e 11 meses no total de 50 crianças. A comunidade escolar tem uma ótima parceria com as famílias que estão sempre presentes nas reuniões e eventos.

2.1 Rotina

Nossa rotina inicia-se com a entrada das crianças que acontece às 7:30. Normalmente, a professora vai recepcionando as crianças enquanto vou orientando a retirada das agendas ou vice-versa. Após a guarda das mochilas, que ficam penduradas com a ficha dos nomes, as crianças são direcionadas para uma atividade livre, realizando brincadeiras, jogos ou manuseando livros, que são expostos para que elas possam escolher suas preferências. Esse ritmo de atividades acontece todos os dias com o acesso a uma variedade de brinquedos. Enquanto a professora vai revisando as agendas, fico com a tarefa de observar as ações das crianças, orientando-as, caso haja necessidade.

Às 7:45, anunciamos a organização dos brinquedos que são guardados em seus devidos lugares para descermos e oferecermos o desjejum. Ao terminar, retornamos à sala, dando prosseguimento à rotina, fazendo uma roda de conversa com as crianças para propormos um diálogo aberto, em que elas possam se expressar e desenvolver a linguagem. Logo em seguida, realizamos a chamada do dia.

Nossa chamada é feita com os presentes e os ausentes, por meio de cartões com os nomes, propondo um chamamento socializado, que pode acontecer também com músicas ou histórias. Segue-se uma conversa sobre o que vamos fazer durante o dia. Nesse momento, contamos também com a participação da criança para a distribuição dos nomes aos colegas. Cada dia, uma criança é escolhida para ajudar, com a intenção de despertar uma atmosfera colaborativa, além de provocar o desenvolvimento de sua autonomia. No registro feito no Caderno de Campo, temos um pequeno exemplo do que acabei de contar:

Em uma roda de conversa, a professora preparava a chamada, fez o chamamento com a ficha do nome, nomeando os presentes e ausentes. As crianças foram se identificando, nomeando os que faltaram. De acordo com a presença, a professora foi fazendo a organização, junto com as crianças. De um lado foram colocados os meninos, do outro, as meninas, e, ao final o grupo foi conduzido para observação.

A professora perguntou: - O que temos mais hoje? Meninos ou meninas? Luiz disse: - Meninos!, apontando a sequência dos nomes dos meninos.

Nova pergunta: - Porque você acha que tem mais meninos? Ele apontou para o pareamento e falou: - Porque esse é grande! É muito menino!

A professora ouviu e falou: - Vamos contar juntos: - 1, 2, 3 Meninos, 1, 2, 3 ... Meninas. (DIÁRIO DE CAMPO, 31/08/17)

Às 9 horas, vamos para uma atividade proposta conforme o planejado, atendendo os imprevistos e contando com o improviso para engajar atividades que partam de sua realidade e necessidade. Fazemos um trabalho com intencionalidade, pensando que aprendizagens queremos provocar e, normalmente, este vem incorporado nas atividades dirigidas e lúdicas.

Fazemos pinturas, jogos diversificados, manuseio de revistas, conto, colagem, recorte, modelagem, pintura, desenho, brincadeiras com regras e com música. Todos os trabalhos de pintura são colados no mural que tem na sala, com um adaptador de fácil manuseio para que elas mesmas possam colocar.

Figura 1: Mural na altura das crianças



Acervo da autora

A figura 1 mostra o mural com o desenvolvimento do nosso projeto anual que se chama: “PLANETA TERRA - Sou fogo, água, terra e ar na intensidade dos seus sentidos, me ame e deixe eu te amar”.

O tema foi levantado pelos educadores, no final do ano de 2016 e lançado no início do ano de 2017, com a participação das crianças e com o objetivo de levá-las a conhecer os quatro elementos da natureza, o que possibilitaria a compreensão da relação entre os fenômenos naturais e a vida humana.

Nesse sentido, as crianças poderiam perceber o funcionamento da natureza e a relação que o homem estabelece com ela através das experiências com diferentes materiais como: terra, água, ar por meio da arte e no seu brincar.

Na foto vemos que as letras significam as gotas caindo da torneira e que a sala é organizada como um ambiente que estimula o contato com o alfabeto e com as palavras. O mobiliário é de acordo com a faixa etária das crianças e o mural é fixado na altura delas, para que possam, elas mesmas, fixar suas produções. Os desenhos representam as artes desenvolvidas pelas crianças através de pinturas com tinta guache e colagem.

Às 10:30, vamos para uma atividade livre, no pátio externo ou interno que são intercalados durante o dia, conforme a proposta da direção, pois esses ambientes são frequentados todos os dias por outras crianças. Às vezes, realizamos com turmas diferentes, porque acreditamos e percebemos que essa interação favorece o desenvolvimento e a socialização da criança.

Às 11:00, nos preparamos para o almoço; fazemos a higienização das mãos e encaminhamos as crianças para o refeitório na companhia da professora e das duas agentes. Fazemos as intervenções necessárias caso a criança necessite, ajudando e observando.

Às 11:30, retornamos à sala e fazemos a escovação dos dentes, sempre com o olhar voltado para a criança, auxiliando na higienização e encaminhando para o descanso.

Às 13:40 é o momento de acordar e iniciar a rotina da tarde.

Meu turno de trabalho acaba às 13:30.

Com todo esse movimento garantimos às crianças um ambiente seguro, procurando não só observar, mas também interagir com elas para que possam construir conhecimentos juntas. Para tanto, é muito importante estarmos abertas e dispostas a alargar espaços para que elas possam se relacionar.

2.2 Organização do espaço

Esses espaços são divididos no dia-a-dia das crianças com atividades dirigidas e livres, mas todas voltadas para a ludicidade. Toda essa organização envolve uma gama de materiais diversificados, pois entendemos que, quanto maior for o repertório, maior será a construção de aprendizagens.

Temos a sala interna onde realizamos um trabalho mais direcionado, em que a proposta maior vem do educador. Nesse ambiente, percebo que a concentração das crianças é maior. As propostas são: atividades de pintura, desenho, história, jogos, conversação, recorte, encaixe, manuseio e construção. Podem ser feitas tanto em mesas como no chão.

Temos os armários, onde guardamos as tintas guache, os gizos de cera, as folhas, lápis canetas e o caderno de desenho das crianças. Todos esses materiais são de livre acesso das crianças para que possam interagir e explorar de forma bastante agradável com objeto e entre si.

Na sala temos cantinhos organizados com brinquedos e nomeados, como por exemplo: caixa das bonecas, caixa com carrinhos, caixa de livros de histórias, que fica embaixo de uma árvore confeccionada com papel kraft e TNT, e foi produzida com a participação das crianças.

Figura 2: Acervo de brinquedos



Acervo da autora

Nas prateleiras, temos blocos lógicos, jogos de encaixe, coleção de tampas, massinha, além de uma caixa de literatura para manuseio do professor, mas que as crianças também têm acesso.

Porto (2008) alerta que:

O acervo de brinquedos no espaço institucional, como creche e escola, deve fazer parte de uma proposta pedagógica que envolva os adultos e as Crianças, pois o acervo de brinquedos é tão significativo quanto aos objetivos que aquela creche ou escola pretende atingir (PORTO, 2008, p. 29).

Figura 3: Organização



Acervo da autora

As mesas são usadas com a proposta de realizar atividades diversificadas, sendo que uma delas fica com a professora para fazer o rodízio, no intuito de poder acompanhar os pequenos grupos. A professora observa e analisa cada criança individualmente, para saber se ela já atingiu aquela atividade.

Nosso papel é deixar as crianças livres nas suas escolhas; não impedimos que explorem suas atividades em outros grupos. Assim, se um grupo estiver na mesa, manuseando panelinhas, não significa que não possa trazer a boneca ou levar as panelinhas até o outro grupo, pois entendemos e já pude perceber, durante as minhas observações, que essa troca de experiências promove e amplia a aprendizagem.

Nas atividades livres, a proposta vem a partir das crianças e, normalmente, são realizadas no espaço aberto, onde elas possam explorar mais a dimensão corpórea. Nesse espaço fica também o parquinho e a brinquedoteca que possui: casa das bonecas, sala de lazer para contos com almofadas e caixa de fantasia, fixa.

Figura 4: Espaços de Brincar



Acervo da autora

O uso dos dois espaços, interno e externo da creche, aconteceu, porque percebi que não tínhamos a necessidade de ficar apenas na sala ou na brinquedoteca, pois as atividades também poderiam acontecer no espaço externo, assim como as rodas de conversa, a chamada, dentre outras.

Mas, de acordo com a proposta de planejamento, mudamos os locais onde essa rotina é realizada, visto que algumas das atividades que pretendemos fazer na sala exigem um espaço mais amplo. Essas mudanças variam para garantir à criança um espaço brincante, promotor de conhecimentos e mais adequado ao seu desenvolvimento.

Veremos a seguir o que acontece quando as crianças estão presentes nesses espaços.

3 OBSERVAÇÃO E REGISTRO DE BRINCADEIRAS E ATIVIDADES LÚDICAS TEMÁTICAS

Ao reler os registros feitos no Caderno de Campo, selecionei algumas situações observadas para enriquecer a monografia.

3.1 Brincando de cozinhar: canjica e vitamina de banana

A educadora preparou uma atividade diversificada colocando à disposição do grupo, uma mesa com massa, outra com panelinhas e, no chão, vários carrinhos com uma pista. Cada criança decidiu onde gostaria de brincar. Duas crianças escolheram as panelinhas e pegaram massinha para fazer "comidinha".

Arielly pegou o liquidificador, e, nesse momento, começou a deslizar a massa sobre a mesa, enrolando-a; pegou uma colher e começou a cortar, colocando dentro do liquidificador. Disse então: - Estou fazendo vitamina de banana! Tampava e destampava o liquidificador colocando os supostos pedaços de banana. Mexia e tampava novamente em uma concentração máxima.

Sophia falou: - Estou fazendo comidinha.

Enquanto elas preparavam entrou uma terceira criança (Clara), que preferiu só manusear a massa. Ficou observando o grupo que preparava a suposta comidinha e logo falou: - Eu estou fazendo suco!

Ficaram dialogando.

Arielly exercitando, continuou mexendo a vitamina de banana com a colher, e a Sophia, a comidinha.

Nesse momento, Sophia, que dizia estar fazendo comidinha, continuou enrolando a massa em forma de bolinhas, separando os pedaços com a colher e enrolando nas mãos. Me aproximei do grupo, sentei e perguntei: - O que você está preparando, Sophia? Ela respondeu: - Canjica. Insisti no questionamento: - E por que você está enrolando a canjica? Sophia retrucou: - Porque a canjica é de bolinha, ela é "piquininha". Minha mãe faz canjica!

Continuou fazendo o movimento de enrolar e cortar, girando com a colher na panela de forma circular, enquanto preparava a suposta canjica.

Arielly ficou um bom tempo concentrada, fazendo a vitamina de banana. Clara, que preparava o suco, saiu da mesa partindo para uma outra brincadeira, se inserindo no grupo que brincava com os carrinhos deslizando na pista.

Sophia fez a canjica e, no final, saiu oferecendo para os colegas, mas, antes me perguntou: - Quer canjica, Isnades? Eu aceitei e falei: - Muito gostosa!

Nesse momento, Sophia saiu da mesa para oferecer aos colegas e quando retornou questionei: - Tem mais Sophia? Está uma delícia! Sophia me respondeu: - Ih, Isnades, acabou! (DIÁRIO DE CAMPO, 02/08/2017)

A criança traz sua experiência, reproduzindo e interpretando o que vivenciou em casa ou em algum outro lugar. Percebo esse movimento na ação e no diálogo das crianças, durante a brincadeira, no manuseio da massa e na utilização das panelinhas.

Nessa brincadeira, percebo que a criança, ao entrar em contato com esses elementos, foi se envolvendo, interagindo com que tinha ao seu redor. Trouxe para o seu contexto lúdico a cultura vivenciada dentro de sua realidade, que foi transformada, ganhando um outro significado. "Na brincadeira, a criança apropria-se dos conteúdos disponíveis, tornando os seus por meio de uma construção específica" (PORTO, 1998, p. 183).

3.2 Mãe e filha

Em meio a uma atividade diversificada, duas crianças buscam realizar uma brincadeira de mãe e filha. Sophia, coordena dizendo:

- Arielly, você é a filha. Sophia pega a boneca e senta próximo a Arielly que também estava com uma boneca e dizia:- Eu sou a mãe. Arielly demonstrou não aceitar o comando de Sophia. Ficaram discutindo, pois Arielly também queria ser mãe.

Logo se aproximou uma outra criança que passou a ser filha da Sophia, segundo seu comando. Arielly se recusou e saiu do grupo; pegou um telefone e simulou uma ligação, dizendo com firmeza na fala: - Filha vem pra casa. Repetiu a expressão: - Vem para casa agora, para buscar seu irmão na escola.

Durante essa ação, as duas crianças que ficaram brincando de mãe e filha, foram em direção ao cantinho da leitura. A suposta mãe pegou um livro e falou: - Filha, senta. Vou contar uma história.

A filha sentou e a mãe iniciou o processo da leitura, enquanto a filha ouvia atentamente. Nesse mesmo momento, a Arielly retomou ao grupo, desta vez com um telefone e sua parceira Rebeca que também trazia um celular nas mãos.

Se juntaram, Sophia se levantou e guardou o livro. Pegou uma revista retornou e se sentou. Começou a folhear a revista e a destacar uns adesivos, colando nos celulares das colegas. Perguntou para Rebeca: - Tá bom assim? Rebeca balançou a cabeça dizendo – Harram... e saiu satisfeita com a decoração do telefone.

Enquanto isso, Arielly continuou articulando uma conversa ao telefone e se reintegrando ao grupo. (DIÁRIO DE CAMPO)

É possível perceber como a cultura lúdica se constrói o tempo todo no universo infantil. Ao entrar em contato com objetos, as crianças criam diversas formas de usar as mesmas coisas. Comidinha e suco foram produzidos e reinventados a partir da massinha de modelar. Nessa brincadeira, as crianças foram interagindo uma com as outras e com as bonecas. Formaram-se pequenos grupos que foram se sentar em um determinado espaço da sala. Pegaram as bonecas e começaram a dialogar. Uma das crianças determinou quem seria a mãe e quem seria filha. Nessa ação, as crianças foram construindo regras a partir da negociação

entre elas, usando códigos verbais ou não para entrar na brincadeira (BROUGÈRE, 1995, pag. 99-100).

Nesse caso, a regra ordenada por uma das crianças não foi aceita e ela saiu do grupo, buscando outra forma de brincadeira, enquanto outra criança aceitou ser a filha. A brincadeira continuou, um fingindo ser mãe, a outra fingindo ser a filha. Ambas foram se envolvendo nessa situação imaginária, representando os papéis de mãe e filha, trazendo para sua brincadeira a experiência vivida do seu contexto social. "A criança imagina-se como mãe e a boneca como criança e, dessa forma, deve obedecer às regras de comportamento maternal" (VIGOTSKI, 2007, p. 110).

3.3 Piquenique Literário com a presença das famílias

Essa ação chama-se "Brincar sem muro" e suas atividades acontecem uma vez por mês, com o intuito de aproximar e trazer os pais para dentro da unidade afim de proporcionar às famílias experiências que acontecem no dia-a-dia das crianças.

Foi feito um convite pela professora da turma. A atividade era a de realizar um piquenique literário, com o propósito de conscientizar as famílias da importância da leitura. Daniel, pai de uma das crianças, aceitou o convite e sentiu-se honrado em poder participar dessa ação que foi muito significativa para ele e para a turma. Ele pegou o livro com a professora e levou para casa para estudar. Ao trazer sua filha para creche anunciava o esperado, demonstrando a responsabilidade que assumiu de fazer um bom trabalho.

No dia do evento Daniel chegou todo arrumado, trajando roupa social. Parecia que ia para uma festa. Antes de exercer o seu papel, se preocupou com os preparativos, questionando a professora sobre a possibilidade de fazer um ensaio. Assim, a professora com toda atenção o atendeu. Ela lia e ele repetia até se sentir seguro para o sucesso de sua tarefa. O Caderno de Campo traz alguns detalhes que vale a pena destacar:

A professora organizou a roda de conversa e falou: - Hoje vai ser um dia diferente! Vai acontecer um piquenique literário. Questionou o grupo: - Sabem o que vamos fazer? A maioria das crianças respondeu: - Vai ter doce, bala, bola!

A professora ouviu atentamente, deixando que todos se expressassem e logo informou: - Vou trazer uma cesta de livros! E perguntou: - Quem vai vir contar a história?

Arielly, mais que depressa, gritou empolgada: - É meu pai! Meu pai vai contar a história da Chapeuzinho Vermelho. O nome dele é Daniel!

Nesse mesmo momento, a professora, com a participação das crianças, fez a escolha dos personagens para a dramatização. Perguntou para o grupo: - Quem quer ser a mãe da Chapeuzinho? Foi uma tempestade de vozes!

- Eu! Eu! Quero ser a Chapeuzinho! Diziam todos com um tom de voz aguçada!

A professora mais uma vez interveio: - Calma, calma! Não podem ser todos! Tem outros personagens! Quem sabe quais são? Elas começaram a nomear: - Tem o lobo, a vovó!

Nesse diálogo, Maria Vitória levantou-se e disse: - Eu quero ser a Chapeuzinho Vermelho!

Foi aceita pelo grupo que assim continuou o processo da escolha: Larah foi a vovó, o Luiz, o lobo e Arielly, o caçador. Os personagens foram combinados com a ajuda das crianças.

A professora falou: - Então, vamos lá, vamos ensaiar para fazer bem bonito. Os pais de vocês vão assistir à peça e o pai da Arielly é quem vai narrar a história.

O ensaio começou com as crianças empolgadas. A professora começou a contar a história enquanto os personagens iam dramatizando e assim ficou combinado à espera do momento esperado. (DIÁRIO DE CAMPO, 25/08/20017).

O grande momento chegou! Os pais todos aguardavam o famoso narrador Daniel, todos os dias lembrado pelas crianças, na roda de conversa e anunciado por sua filha Arielly.

Foi uma experiência muito rica. No início, ele se sentiu meio tímido, mas logo, logo foi se libertando e soltando a voz enquanto os personagens (crianças) iam dramatizando. Terminou a história, que foi um sucesso e Daniel foi parabenizado pelas famílias e todos os envolvidos.

3.4 Atividade de plantar

Estamos sempre registrando o movimento das crianças no cotidiano da creche e as fotos a seguir foram feitas com o objetivo de mostrar para elas como foi o processo de brincar com a natureza e também de tornar visível para os pais, que podem apreciar, nas reuniões, a rotina delas na interação com os elementos, tais como: terra, areia, água, folhas, sementes e argila. Desenvolvemos o canto dos diferentes tipos de terra que encontramos no nosso planeta como: areia, argila e a terra preta.

Figura 5: Resultados da Atividade de Plantar



Acervo da autora

Moura (2009) fala da brincadeira como encontro de todas as artes. Para a autora, "as artes, como linguagens, são expressão de conhecimentos sociais e culturais que possibilitam às crianças exercer seu potencial imaginativo e criativo" (MOURA, 2009, p. 81).

Quando trabalhamos as diversas texturas com caixa de areia, terra e água, as crianças puderam experimentar, através do tato e caminhando sobre os diferentes elementos.

Pude ver, a potência da capacidade criativa das crianças com esses materiais. Ao retornarmos para sala produzimos cartazes com colagem da areia com terra e cola que resultou nas produções que podem ser vistas na figura 5.

Fizemos também modelagem de areia com terra, além do plantio de sementes feito em garrafas pet. Plantamos feijão, milho, alface, abóbora e girassol. Convidamos um pai para participar na sementeira. Cada criança escolheu sua sementinha.

Juntos podemos acompanhar todo o processo, cuidando e regando assim como aprendendo a valorizar esses elementos para que as plantas possam se desenvolver. Além disso, confeccionamos, coletivamente, uma grande árvore para o nosso cantinho da leitura com a massa dura de papel para fazer os troncos e para as folhas, pintura feita com tinta guache.

Pude constatar por meio das minhas experiências e observações o quanto as crianças, participando de brincadeiras e atividades lúdicas temáticas, foram construindo um amplo repertório de experiências culturais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de ingressar no Instituto Superior de Educação Pró-Saber, no curso de graduação, aprendi olhar meu profissionalismo de outra forma. Anteriormente, realizava o trabalho sem fundamentos. Às vezes acertava, mas não tinha conhecimento do porquê isso acontecia. Hoje, após as aulas construídas democraticamente e ao longo do curso, tomei propriedade, revendo e analisando o que faço. Passei a embasar minha prática, segundo os teóricos trazidos pelos professores e a valorizar mais ainda a ação do brincar, principalmente, nas aulas da professora Cristina Porto. Antes, via as ações das crianças como simples brincadeiras, sem muita importância e, hoje, compreendo como algo que produz aprendizagens.

Pude então perceber e aproximar as minhas vivências dando sentido a tudo isto, passei a tomar consciência e a valorizar mais as crianças no seu ato de brincar e posso identificar como elas compartilham e constroem conhecimentos nesses momentos.

Revi meus conceitos quanto à organização do acervo de brinquedos, dando importância à relação que existe com o seu uso nas propostas que encaminho, levando em consideração cada faixa etária, sabendo que o brinquedo leva a criança para muitas descobertas.

Através dos instrumentos metodológicos de Madalena Freire, passei a ter um olhar pensante sobre a importância da observação, da reflexão e do registro, refletindo sobre o meu modo de educar. Passei a ver a criança com um olhar observador e a detectar o que ela quer mostrar com cada brincadeira. O uso do registro já faz parte do meu dia a dia, pois atualmente percebo o quanto este ajuda na minha observação e no acompanhamento do desenvolvimento das crianças, assim também como reconheço sua importância quanto a minha percepção sobre o que preciso melhorar no meu ato de educar. Portanto, já tenho consciência de que o registro, a observação e a reflexão são elementos fundamentais no auxílio de minha prática.

Na brincadeira, a criança explora o espaço de acordo com o seu próprio interesse, utilizando a criatividade e a imaginação, fazendo descobertas, vivenciando e experienciando a partir da interação com o outro, com o meio e com os objetos que estão ao seu redor. Nas atividades lúdicas, a criança interage com o que o

educador disponibiliza, havendo nessa atividade a intervenção do professor nesse processo de construção de aprendizagens. O que diferencia uma da outra, é o papel do educador.

O papel do educador, nas brincadeiras que partem das crianças, é observar as interações, para um posterior registro sobre o que elas desenvolveram, para conhecê-las melhor, avaliá-las tanto no individual como no grupo e para saber o que precisa de mediação. Já nas atividades lúdicas temáticas, ele tem um objetivo específico e uma proposta com regras orientadas por ele, que faz intervenções, a fim de promover e possibilitar a construção de uma determinada aprendizagem pelas crianças.

Ao realizar o registro e a observação das crianças para o meu estudo monográfico, meu olhar ficou ainda mais apurado para ver algo que ainda não havia percebido. Esse exercício de observar, refletir e registrar contribuíram para minha formação ao mesmo tempo que o embasamento teórico que me fez enxergar em que conhecimentos minhas ações estavam fundamentadas.

REFERÊNCIAS

- BORBA, A. A brincadeira como experiência de cultura. In: CORSINO, P. (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v.3. Brasília, MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2017.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- CORSARO, W. **A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças**. Disponível em: <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC17/17-5.pdf>>. Acesso em: 4 de nov. 2017.
- FREIRE, M. **Educador: educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. **Sobre os instrumentos metodológicos**. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2014.
- NUNES, M.F.; CORSINO, p. Institucionalização da infância: diferentes realidades da convergência? In: CORSINO, P. (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- PORTO, C. Brincadeira ou atividade lúdica? In: **Boletim do Salto para o Futuro: Jogos e Brincadeiras Desafios e descobertas**. TV Escola. Abril, 2008.
- PRADO. T. O olho torto de Alexandre: Ensaio sobre o alcance de uma visão maculada; IN: **VISO: Cadernos de estética aplicada**, U. IN. Nº5 Jul_Dez_ Ano: 2008. Disponível em: <<http://www.revistaviso.com.br/visartigo.asp?SATI=38>>. Acesso em: 3 de out. 2017.
- VYGOSTSKY, L. S. Papel do brinquedo no desenvolvimento. In: **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.